UM ACORDO BILATERAL BRASIL-CHINA FAZ SENTIDO PARA O AGRO?

ROBERTA POSSAMAI[1], FELIPPE SERIGATI[2], KELLEN SEVERO[3]

Mesmo a China sendo o principal parceiro comercial do Brasil, um acordo comercial entre os países pode ser uma boa notícia para o agronegócio brasileiro.

A BALANÇA comercial do agronegócio brasileiro com a China é superavitária. No acumulado no ano, o saldo da balança comercial do setor foi de US$ 21,5 bilhões. Desse total, as atividades agropecuárias respondem por 86,9% (US$ 18,7 bilhões) e a agroindústria, por 13,1% (US$ 2,8 bilhões).

Todavia, a balança comercial do setor com os chineses já foi maior. Ao longo de 2019, o saldo comercial contraiu 16,9%. Essa retração foi liderada pelas atividades agropecuárias (-22,1%) – evidentemente, uma consequência da redução dos embarques de soja –, uma vez que houve forte expansão (47,3%) da balança comercial do lado da agroindústria.

ACORDO COM A CHINA

É de amplo conhecimento que a China é o principal parceiro comercial do agronegócio brasileiro. Por exemplo, em 2019 (até outubro), os chineses responderam por 30,8% (US$ 26,1 bilhões) do valor total exportado pelo setor. Além de ser o principal destino das exportações do agronegócio nacional, a China também é o país do qual o setor mais importa – até outubro de 2019, essas compras totalizaram US$ 4,6 bilhões (16,3% do total importado). Diante disso, se a China já é o principal parceiro comercial do agronegócio brasileiro, vale a pena para o setor celebrar um acordo de livre-comércio com esse país? Quais poderiam ser as vantagens de assinar um documento como esse com um país que já é um grande aliado comercial?

Embora ainda seja uma notícia incipiente, o fato de o Brasil vir a celebrar um acordo bilateral com a China pode trazer vantagens para o agronegócio nacional, por mais que tal país já seja o principal parceiro comercial do setor. Dentre essas vantagens, merecem destaque:

- Os produtos brasileiros podem chegar de forma ainda mais competitiva ao mercado chinês;
- Com maior facilidade para acessar o mercado chinês, novos produtos do agronegócio nacional poderão ser adquiridos pelos chineses, aumentando a diversificação da pauta de exportações do setor junto a esse país;
- É fato que os produtos chineses também chegarão mais baratos ao Brasil. No entanto, considerando que o agronegócio nacional importa, essencialmente, insumos de produção e matérias-primas, o produto final brasileiro pode ficar ainda mais competitivo.

EXPORTAÇÕES PARA A CHINA: NÃO SÃO APENAS DE SOJA

Como já destacado, a China é o principal destino das exportações do agronegócio brasileiro. Além da soja, que, em 2019, respondeu por 69,6% do valor total exportado para os chineses, também merecem destaque os embarques de carnes (11,9%) e papel e celulose (11,4%). Vale ressaltar que, até outubro deste ano, as exportações para a China registraram uma contração de 13,6%. Os problemas decorrentes da peste suína africana certamente têm papel central para explicar essa contração, pois as exportações de soja acumularam uma queda de 23,8%, enquanto os embarques de carne cresceram 40,5% no mesmo período.

Conforme pode ser visto, a pauta exportadora do agronegócio brasileiro para a China é bastante concentrada. Porém, apesar disso, é importante notar que a economia chinesa compra diversos outros produtos: na realidade, ela está entre os dez principais destinos de vários segmentos do agronegócio, tais como produtos florestais, alimentos de origem animal, produtos têxteis, borracha, soja, pescados, produtos apícolas e plantas vivas. Diante disso, o acordo bilateral poderá intensificar as vendas dos produtos desses setores, fazendo com que a pauta exportadora fique mais diversificada.

CHINA: A PRINCIPAL ORIGEM DAS IMPORTAÇÕES DO AGRONEGÓCIO

Além de ser o maior comprador dos produtos do agronegócio brasileiro no mercado internacional, a China também

EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES DO BRASIL EM RELAÇÃO À CHINA
(ACUMULADO ATÉ OUTUBRO DE 2019)

SETORES E SUBSETORES	Exportações (US$ bilhões)	Variação acumulada no ano	Importações (US$ bilhões)	Variação acumulada no ano
Agronegócio	**26,1**	**-13,6%**	**4,6**	**6,3%**
Agroindústria	**7,4**	**18,9%**	**4,5**	**6,2%**
Produtos não alimentícios	**3,6**	**5,5%**	**4,3**	**7,3%**
Insumos	0,0	2,4%	1,5	22,5%
Têxteis	0,2	-22,8%	2,0	-4,8%
Florestais	3,0	-0,5%	0,2	31,4%
Fumo	0,3	327,1%	0,0	-99,8%
Borracha	0,0	128,2%	0,4	16,1%
Outros	0,0	-37,6%	0,1	5,4%
Produtos alimentícios e bebidas	**3,8**	**35,4%**	**0,3**	**-8,6%**
Produtos alimentícios	**3,8**	**35,4%**	**0,3**	**-8,6%**
Alimentos de origem vegetal	0,6	15,1%	0,0	0,5%
Alimentos de origem animal	3,1	40,5%	0,2	-10,3%
Bebidas	**0,0**	**-13,8%**	**0,0**	**-9,1%**
Atividades agropecuárias	**18,8**	**-22,0%**	**0,1**	**8,8%**
Soja	18,2	-23,8%	0,0	–
Fibras têxteis	0,5	271,9%	0,0	-46,2%
Produtos hortícolas	0,0	74,3%	0,1	37,2%
Demais produtos de origem vegetal	0,0	25,8%	0,0	-14,3%
Pescados	0,0	21,0%	0,0	-40,0%
Outros	0,1	41,0%	0,0	13,0%

Fonte: Comex Stat; elaboração: FGV Agro

é o país que mais vende bens para o setor. Entre esses produtos, destacam-se insumos de produção (33,1% do valor total importado pelo agronegócio em 2019), produtos têxteis (43,8%) e borracha (8,9%).

As compras do agronegócio na China têm aumentado. Por exemplo, em 2019, esse aumento foi de 6,3%, puxado pela expansão das importações de insumos agropecuários (22,5%), borracha (16,1%) e produtos florestais (31,4%). Juntos, esses três setores responderam por 46,9% do valor importado da China pelo agronegócio no ano. Na realidade, vale ressaltar, ainda, que as importações só não cresceram ainda mais neste ano devido à contração (-4,8%) das compras de produtos têxteis.

Apesar de a China ser o maior vendedor de produtos para o agronegócio brasileiro, assim como no caso das exportações, a pauta de importação é bastante concentrada. Em 2019, apenas três setores do agronegócio (insumos agropecuários, produtos têxteis e borracha) responderam por 85,9% do valor total das importações. Em geral, essas compras são de produtos que serão utilizados ao longo do processo produtivo. Logo, o acordo comercial pode ser benéfico para o agronegócio também por tornar alguns insumos de produção e matérias-primas mais baratos, deixando o produto final brasileiro ainda mais competitivo.

Apesar disso, é necessário reconhecer que uma abertura comercial implica uma maior concorrência para os *players* já instalados no Brasil e que haverá um período de adaptação com custos de ajustamento. Em outras palavras, deverá haver, sim, perdedores no curto prazo. ■

1 Mestre em Economia Agrícola pela Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (FGV-EESP) e pesquisadora do Centro de Agronegócio da FGV (FGV Agro) – roberta.possamai@fgv.br

2 Doutor em Economia pela FGV-EESP, professor e pesquisador do FGV Agro – felippe.serigati@fgv.br

3 Jornalista pós-graduada em Economia pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas na Universidade de São Paulo (Fipe/USP), apresentadora e editora-chefe do jornalístico Mercado&Cia, no Canal Rural – severokellen@gmail.com